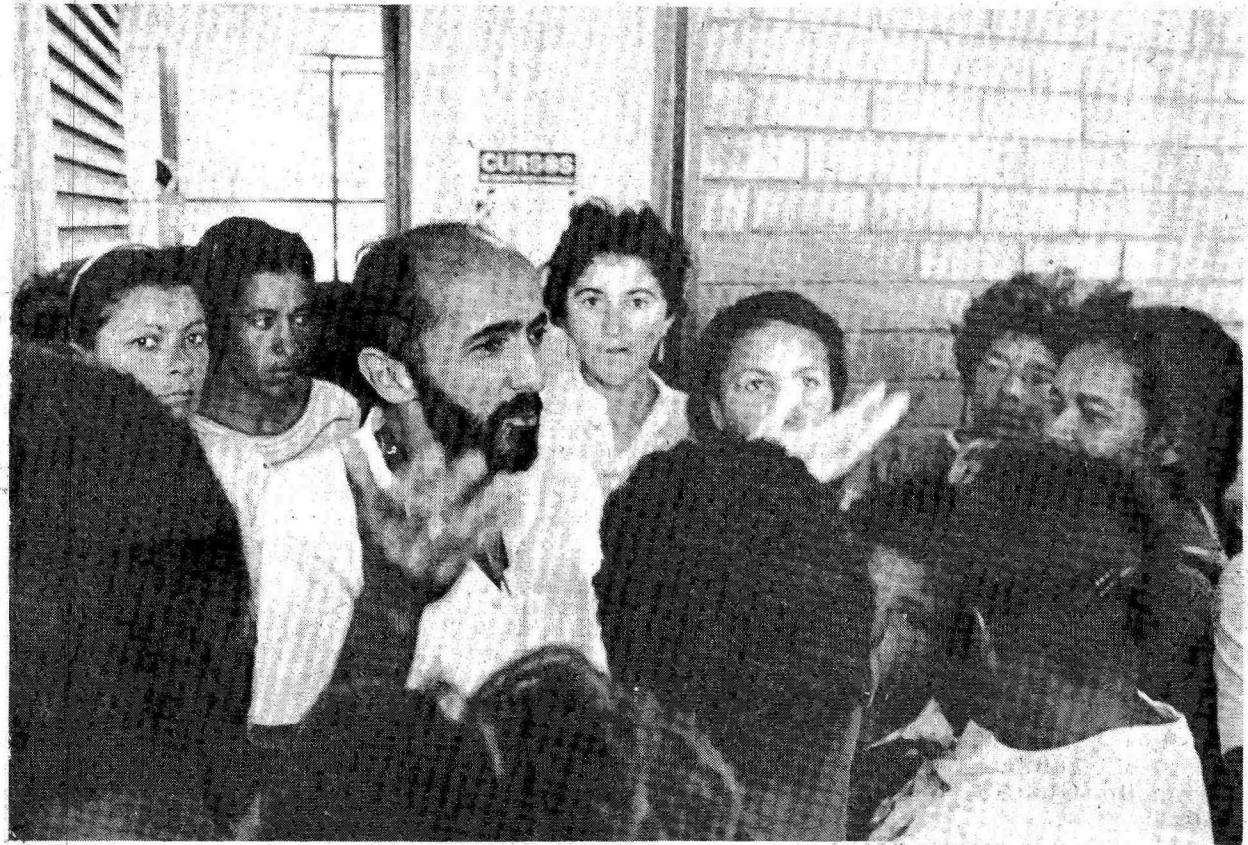


Ceilândia exige mais escolas

Setor O precisa de quatro escolas para atender todas as crianças

ELIZABETH MUNHOZ



O diretor Adalberto Oliveira debate com os pais a falta de escola na Ceilândia para 87

Cerca de 15 mil crianças em idade escolar (de 7 a 14 anos), filhas de moradores da Expansão do Setor O, na Ceilândia, estão ameaçadas de não conseguir matrículas nas escolas da rede oficial, caso não sejam construídas, urgentemente, quatro novas escolas para atender à demanda daquela área. Esta foi a conclusão a que os pais, a presidente da Associação de Moradores e o diretor do Complexo Escolar C, Adalberto Duarte de Oliveira, responsável pelas escolas do Setor, chegaram, após várias horas de intensa discussão, ontem, na direção do Complexo.

Os pais decidiram recorrer ao diretor, já desesperados com a impossibilidade de arranjar vagas para o ano letivo de 1987. Aos gritos, exigiam que, no mínimo, 420 vagas do chamado turno da fome (turno intermediário criado no horário do almoço) continuassem à disposição para as crianças que já estudavam neste expediente. "Não será possível continuar com este sacrifício. Não é só meu, mas dos professores, funcionários e dos próprios alunos, que diminuiram a produção e o aproveitamento da aprendizagem em mais de 40 por cento", rebateu a diretora da Escola Classe 31, Edite Campos Brito, onde as crianças estavam estudando.

Após longa negociação, a comissão decidiu realizar um levantamento real da situação, apurando o número exato de alunos sem matrícula, onde moram e outros dados, encaminhando-os à direção do Complexo C. "Até o começo de fevereiro, espero conseguir uma audiência entre a comissão, o secretário de Educação e o diretor da Fundação Educacional para decidirmos o que fazer. Ou criamos o terceiro turno (intermediário) em todas as escolas do Complexo, ou começamos a construir mais escolas, o que acredito ser a única solução", ponderou Adalberto de Oliveira.

Para ele, não há como fugir do problema real. "Temos escolas no Complexo que funcionam em quatro turnos. Desde 7h até 23h. Isso acaba com os funcionários e com a própria escola. Além do mais, estas crianças estão tendo apenas duas horas e meia a três horas de aula por dia, quando o certo seriam quatro horas. Este turno de fome é enganação, não ensina nada. A única solução é construir mais escolas", disparou o diretor.

Oliveira, em tom de desafio, argumentou que a saída é viável: "O governador disse que monta uma escola pré-moldada em um mês. Acredito plenamente nisto e queremos ajudá-lo. Toda a comunidade está a fim de cooperar, pois ne-

cessita. Tenho certeza que esta é a prioridade do GDF e nos prontificamos a construir". De fato, os pais estavam dispostos a fazer qualquer coisa para ver os filhos matriculados. "Nem que eu tenha que dormir três dias em frente ao Palácio. Vou querer que meus filhos estudem", garantiu Maria do Amparo Silva.

Ela tem 11 filhos e destes cinco estão em idade escolar, o que, como rege a Constituição, é obrigação do Estado prover a educação. "Não vou querer vê-los mais um ano de cara para cima, sem poder fazer nada. Se não construirem mais umas cinco escolas aqui, este ano, no próximo vai ser a mesma coisa", revoltou-se Maria. Segundo a presidente da Associação dos Moradores da Expansão do Setor O, Walkiria Lisboa, há quase seis mil famílias no local.

Cada família tem uma média de oito filhos, todos na idade escolar. E impossível continuar só com duas escolas, que comportam 900 alunos, cada uma — explica ela. "Meu menino já foi roubado duas vezes. Levaram a mochila e o tênis dele. Também, ele é obrigado a atravessar quatro pistas e o cerrado, entrando na escola às 15h30 e saindo às 18h30, quando já é noite. Como é que uma criança de nove anos pode ficar assim?", indigna-se a mãe, Zulmira Araújo.

Seu filho, apesar de morar na Expansão, estuda no turno intermediário da Escola-Classe 31, que fica no Setor O "tradicional". A distância e os horários, inconvenientes para estes alunos, obriga-os a uma luta diária pela vida, na violenta Ceilândia. "Cada hora vem uma turma de pais aqui e faz uma reivindicação. Agora, estes aqui estão brigando por vagas, nem que seja no turno intermediário. Daqui a pouco vem outro grupo e reclama dos horários dos turnos e dos sacrifícios de seus filhos. O diretor do Complexo não faz milagres", reclamou Adalberto de Oliveira.

Com a confusão, ele fortaleceu a tese de que o terceiro turno não é a solução para a falta de vagas. "Faremos a reunião com o secretário Fábio Bruno, os pais e todos os diretores de escolas do Complexo C. Não estou assumindo nenhum compromisso de que eles aceitarão o turno intermediário em suas escolas. A decisão partirá deles. Mas duvido que até os próprios pais ficarão satisfeitos com este tipo de educação que é dada a seus filhos, nestes turnos", criticou. Os pais começaram, ontem mesmo, a levantar o número de crianças sem matrículas e, na próxima semana, deverão encaminhar os resultados ao Complexo C.